



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Museus, Galerias e Colecções

XI

Lâminas sepulcrais de bronze

Os museus, estabelecimentos destinados à educação do público pela linguagem eloquente das coisas, têm de admitir entre os seus valores reais, reproduções de objectos, quando a importância dêstes os recomende e imponha. Nem a dignidade dos originais se amesquinha, nem os *fac-similes* podem considerar-se intrusos ao lado dos exemplares autênticos. E' mais legítimo isto do que arrancar aos lugares originários os objectos, que qualidades artísticas põem em destaque, mesmo sem risco iminente de perda, para os dispor com maior ou menor aparato, a par doutros, numa sala, por vezes sem um letreiro esclarecedor da procedência.

Bons museus são por si mesmos os monumentos, para que os respeitemos na sua grandeza antiga, conservando-lhes a integridade perfeita.

Com os destroços dos monumentos, nunca propositadamente alcançados, devem formar os museus uma construção nova, a um tempo proveitosa e útil.

E' no museu, como centro de informação estética, que o público tem de aprender a amar a arte, cabendo-lhe por isso o dever de facultar todos os elementos indispensáveis à sua compreensão. Quando os objectos originais não possam obter-se, os seus *fac-similes* têm num museu toda a justificação.

Ainda recentemente no *Musée National Suisse* se me depararam diversas moldagens — de esculturas, pedras sepulcrais, objectos, etc. — julgadas necessárias para o enriquecimento documental das séries expostas.

Lembro-me também de ter visto em Madrid no *Museo Arqueológico Nacional* uma nova «Dama de Elche» que afinal era uma moldagem em gesso da célebre escultura pre-romana ibérica que o Museu do Louvre conta como uma das suas jóias. O mesmo se vê em muitos outros museus, onde o critério científico prevalece.

Vem isto a propósito da reprodução duma placa tumular de bronze, existente em Penafiel, que deu há pouco entrada no Museu Municipal do Porto.

Este belo monumento funerário foi apontado ao público pelo ilustre arqueólogo Dr. Manuel Monteiro no diário portuense *O Primeiro de Janeiro* (12-IX-1926), onde, a par duma lúcida exposição acerca dessa «jóia de arte do século XVI ainda inédita», era lembrada a conveniência de ser reproduzida para figurar no Museu Municipal do Porto.

Após essa notícia tive ensejo de observar o bronze de Penafiel, na companhia do Sr. Abílio Miranda, penafidense devotado à história e à arte da sua terra, publicando a seguir umas notas na revista *Ilustração Moderna* (XII-1926) para acompanhar a fotografia da placa e o desenho do decalque da pedra onde ela assenta, trabalho a que nessa ocasião procedi.

A lâmina merecia, na verdade, uma reprodução para o Museu.

Sete anos volvidos sobre os factos indicados, como nada tivesse sido feito ainda, pedi ao distinto artista, e meu amigo, pintor Alberto Silva, para obter uma moldagem, sem encargos para o Museu, com a promessa da aquisição de um exemplar em bronze, quando as circunstâncias o permitissem. Encarregou-se do trabalho o escultor Sr. Américo Gomes.

A reprodução que se acha no Museu Municipal do Porto, ficou excelente, como pode avaliar-se pela fotografia junta (fig. I).

Esta lâmina de bronze ornamenta uma sepultura do pavimento da capela do Senhor dos Passos da Igreja paroquial de S. Martinho, em Penafiel. É de pequenas dimensões (0,85 x 0,43) e ocupa o meio de uma pedra-mármore, decorada aos cantos pelos

símbolos dos Evangelistas, em cuja orla, numa elegante letra gótica, se lê:

Aquí jaz Joham Corea mercador que mando fazer esta ygreia he esta capela a sua custa na era 15

A data está incompleta, o que faz crer ter a sepultura sido feita ainda em vida do seu futuro morador, como era uso freqüente na Idade-Média. Num recanto do mármore acha-se indicado o ano de 1537, em letra diferente, que deve corresponder à morte do mercador João Correia, cujo vulto a lâmina em delicada gravura representa.

O *fac-simile* de Penafiel emparelha pois no Museu Municipal do Porto com outro, também de bronze, que reproduz a lâmina sepulcral de Frei Estêvão Vazquez Pimentel, em Leça do Balio.

A primeira reprodução em gesso deste valiosíssimo exemplar foi feita em 1882 pelo grande Soares dos Reis, que do mesmo nos deixou dois magníficos desenhos da cercadura historiada, na revista do Centro Artístico Portuense, *A Arte Portuguesa*, Porto, 1882, os quais acompanhavam um estudo erudito e crítico sobre a lâmina, do Prof. Joaquim de Vasconcelos.

As placas tumulares de bronze existentes em Portugal, são bens poucas, — seis apenas.

Além daquelas a que me referi, encontram-se mais duas, separadas, na Igreja dos Lóios, em Évora, e outras duas, conjuntas, na Sé do Funchal.

Outras mais houve, porém, como se vê da seguinte nota do Dr. Sousa Viterbo, ao referir-se às tábuas sepulcrais de bronze de Évora e Leça do Balio, no livro *Artes e Artistas em Portugal*, 2.^a edição, Lisboa, 1920, pág. 60:

«Ha memoria de outras campas de bronze. Jorge Cardoso transmite-nos a inscrição gravada n'uma lamina de bronze sepulchral de Pedro Durão, que se conservava nos claustros da Sé do Porto. Fins do século XIII; éra de 1329 ou anno de 1291. Da mesma época, pouco mais tarde (éra de 1383), era a lapide sepulchral de D. André João, cantor da Sé de Coimbra, que, segundo o livro das Calendas, estava enterado «sub campana de ere ubi sunt leones et galii figurati» (*Antiquario Conimbricense*). Ainda existe

n'aquela igreja uma inscrição commemorativa do seu passamento. João Rodrigues de Sá também jazia em Leça de Palmeira, sob uma campa de bronze. Esperança, *Historia serafica*, tomo II, pag. 511."

Vê-se que no Pôrto e imediações, existiam três, das quais só subsiste a de Leça do Balio.

A sepultura de João Rodrigues de Sá, terceiro do nome, alcaide-mor do Pôrto, era no convento da Conceição de Matozinhos, sito na margem direita do Leça.

As campas de bronze lavrado existentes na capela da S.^a do Rosário da igreja dos Lóios, em Évora, são assim descritas por Gabriel Pereira nos seus *Estudos Eborenses, Lóios* (Antigo mosteiro ou casa de S. João Evangelista), Évora, 1886, págs. 6 e 7, segundo uma cópia que em 1926 pedi ao meu ilustre colega e amigo Dr. Luís Xavier da Costa, visto a Biblioteca Pública do Pôrto não possuir a mencionada obra:

"Entrando [na igreja] temos á direita a capella da S.^a do Rosario; no pavimento estão duas campas unicas em Portugal.

"São formadas de chapas de bronze de relevo baixo, nitido, de minuciosa execução. A celebre campá hespanhola de Castro Urdiales é mais antiga, mas de trabalho menos perfeito. As inscrições dispostas em cercadura são as seguintes: — Aqui jaz dona Branca de Vilhana molher que foi de Ruy de Sousa senhor de Sagres e de Beringel, do conselho del-rey dom Affonso o quinto e del-rey dom Joham seu filho, filha de Martim Affonso de Mello, irmã do conde d'Olivença que este mosteiro edificou —

"Junta está a sepultura do marido — Aqui jaz o manifico Ruy de Sousa senhor de Sagres e Beringel que a elrey dom Afonso o quinto e a elrey Dom Joham seu filho nos grandes feitos em que foram esforçadamente e com muita lealdade sempre serviu e aconselhou; e assi a elrey D. Manuel o primeiro em cujo serviço faleceu em Toledo sendo de idade de 75 annos estando com o dito senhor e com a rainha D. Izabel sua molher por seu mandado quando os juraram por herdeiros dos reinos de Castela e

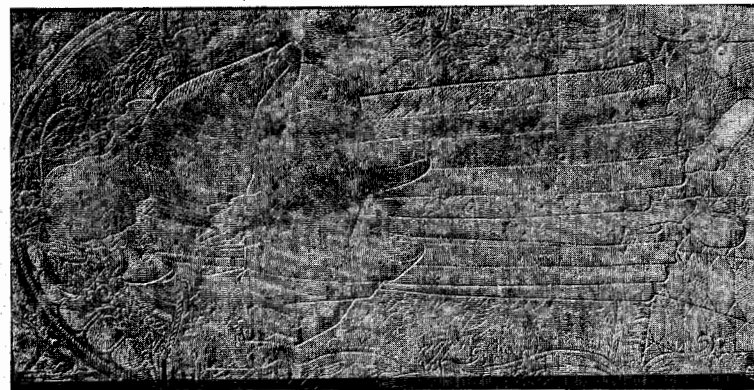


Fig. 1. — Lâmina sepulcral de João Corrêa. Penafiel.
Reprodução da moldagem existente no
Museu Municipal do Pôrto.

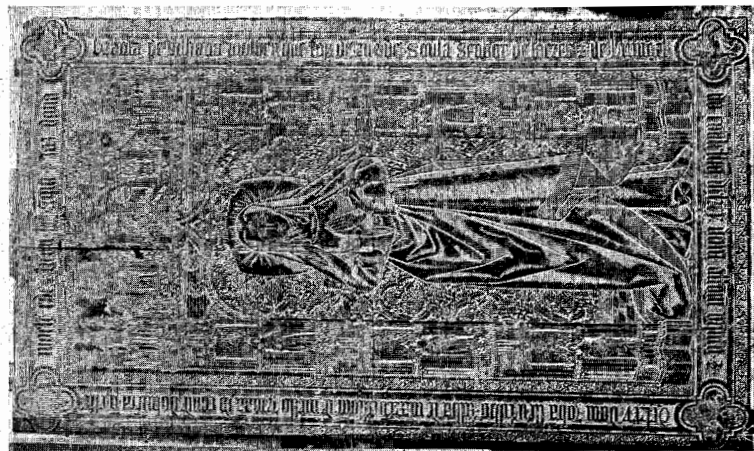


Fig. 2. — Lâmina sepulcral de D. Beatriz de Vilhena. Évora.

d'Aragão, e acabou a 24 dias de maio da era de 1497 annos —

«A campa de Ruy de Sousa é menos lavrada que a de Branca de Vilhena; esta é um lindissimo exemplar do gothico *flamboyant* ou florido, de ornamentação architectural. Uma figura de dama occupa o centro, aos pés da dama um cão com sua colleira de guisos; figuras de monges em varias attitudes guarnecem as pilastras gravadas aos lados; os symbolos dos quatro evangelistas formam os cantos. Está bem conservada, parecendo todavia que os vãos, os fundos do relevo, eram cheios de algum betume ou esmalte que se obliterou (fig. II).

«A ornamentação da campa de Ruy de Sousa consiste em grandes folhagens bem lançadas, nos fundos os mesmos traços cruzados e vestigios do esmalte ou betume (fig. III). Não eram sós estas campas em Evora; n'um escripto do seculo 17 relativo ao Espinheiro se menciona uma campa de bronze que ali estava então.

«Estas campas são de arte flamenga; na Flandres, na Allemanha usaram muito as campas de bronze lavrado.»

Anselmo Braamcamp Freire, no *Livro primeiro dos brasões da Sala de Sintra* (2.^a ed.), Coimbra, 1921, pág. 435, ao mencionar estas campas, elucida:

«Já para cobrir o túmulo de sua primeira mulher, Isabel de Siqueira, havia Rui de Melo mandado vir outra lâmina de bronze, a qual desapareceu da capella-mor da capela do Espinheiro onde fôra colocada.» No mesmo lugar Braamcamp Freire corrige a data da morte de Rui de Melo, que foi em «1498, entre 14 de Fevereiro e 4 de Julho».

Convém referir que o pórtico de gótico chamejante onde a figura de D. Branca de Vilhena realça, mostra nas edículas superiores que o ornamentam, o Padre Eterno coroadado, com o globo, abençoando, ladeado por dois anjos turiferários.

O illustre crítico de arte Dr. Reinaldo dos Santos na *Guia de Évora*, Lisboa, 1923, considera as duas campas como «do mais belo que se conhece».

As placas têm as seguintes dimensões: a de

D. Branca de Vilhena, 1,905 x 1,125; a de Rui de Sousa, 1,755 x 0,86.

Gabriel Pereira enganou-se, felizmente, considerando-as «únicas em Portugal».

Refere o Dr. Sousa Viterbo que «o Sr. Guido Lipi, formador da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, reproduziu em gesso estas duas bellas peças artísticas». (*Duas campas de bronze com inscrições em versos leoninos*, in *O Archeologo Português*, II, pág. 145). A Escola Industrial de Afonso Domingues, em Xabregas, possui uma cópia.

Por informação de meu irmão, Emânuel Ribeiro, vim no conhecimento de que na Sé Catedral do Funchal havia duas figuras de bronze, recortadas, postas a par, sobre a pedra de uma sepultura, cuja existência mencionei na *Ilustração Moderna*, em 1926, ao tratar da placa de Penafiel.

Curei de obter informações e uma reprodução fotográfica. Para isso meu irmão recorreu ao seu amigo Sr. P.^o Fernando Augusto da Silva, erudito investigador madeirense, que amavelmente satisfaz os pedidos feitos. Numa carta enviada em Novembro de 1926, dizia o ilustre eclesiástico: «Vai a prova fotográfica, feita agora sobre uma mais antiga, da qual é reprodução fiel. Disse-me o fotógrafo Vicente que era impossível fotografar os túmulos no lugar e situação em que se encontram. A antiga fotografia foi feita sobre um decalque que nos túmulos se tirou há anos. Mas é uma reprodução exacta» (fig. IV).

Os túmulos não têm legenda, mas segundo a tradição local, visto se não conhecerem documentos, são de João Esmeraldo, flamengo, e de sua mulher, provavelmente a segunda, Águeda de Abreu.

No *Elucidário Madeirense*, pacientemente organizado pelos Srs. P.^o Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo e Meneses, colhem-se diversos dados sobre o «fidalgo flamengo João de Esmeraut, cujo nome foi aportuguesado em João de Esmeraldo e que parece ter aportado ao Funchal pelos anos de 1480». Esmeraldo possuía grandes terras de cultivo. El-rei D. Manuel, em 1511, mandou-lhe guardar os privilégios de

fidalgo. Foi em sua casa que habitou Colombo quando esteve na ilha da Madeira.

A sepultura fica situada junto da porta lateral, lado norte, o lado da epístola, da Sé Catedral. Pode dizer-se ignorada, visto não lhe ter sido feita qualquer referência pública.

As figuras orçam por 0,90 de altura. Uma está mutilada. Assentam sobre lousa, possivelmente pedra azul da Bélgica, de que há vários exemplos com incrustações de metal, lá fora, visto um dos centros produtores de tais obras ser a Flandres.

A reduzidíssima série de lâminas sepulcrais de bronze do nosso país, oferece-nos exemplares dos dois tipos conhecidos: uma pedra onde a figura se fixa recortada numa lâmina metálica (Funchal), que é o mais freqüente no estrangeiro, e uma fôlha inteira de metal, na realidade formada de várias peças ligadas, menos numeroso, mas que compreende os espécimes mais belos e mais ricos (Évora, Leça do Balio, Penafiel).

Reusens no seu *Manuel d'Archéologie chrétienne*, Louvain, 1886, a propósito das placas tumulares de cobre, escreve: «Pendant la période ogivale, on introduisit l'usage des cuivres funéraires ou larmes de laiton sur lesquelles les lignes du dessin sont rendues au moyen de traits profondément gravés, remplis d'une substance résineuse de couleur noire et de ton mat. Ces larges lignes noires se détachent admirablement sur la surface éclatante du métal bruni ou damassé, voire même doré, dont le reflet brillant est souvent rehaussé par la présence d'armoiries colorées en émail solidement fixé dans l'épaisseur du cuivre. Grâce à ces qualités, les tombes plates en cuivre contribuent singulièrement à faire concourir le pavement, avec les verrières et les peintures, à la décoration des églises. C'est en Flandre et en Angleterre qu'elles ont été les plus communes pendant tout le moyen âge.»

Neste último país existem bastantes do tipo de incrustação. Num artigo de *The Connoisseur* (n.^o 359, 1931), intitulado *Mediaeval memorial brasses*, Daphne Haldin e C. A. Edings, dizem: «Do género eclesiástico calculam-se talvez umas 450 que podem ser vistas

ainda na Inglaterra, em memória de párocos, membros de colegiadas, freiras, frades, cônegos, abades, bispos e arcebispos.»

«Les plus beaux cuivres funéraires ont été faits en Angleterre, dans le Cambridge, le Surrey, le Suffolk et le Kent.» — (*La sépulture chrétienne en France*, par Arthur Murcier, Paris, 1855, pág. 64).

Texier, no *Dictionnaire d'orfèvrerie, de gravure et de ciselure chrétiennes*, Paris, 1857, s. v. *Dalles funéraires*, escreve: «Très-nombreuses en Angleterre, moins répandues à l'étranger, les dalles funéraires en métal sont presque introuvables en France.»

Caumont, no seu *Abécédaire d'Archéologie*, Caen, 1886, pág. 705, confirma a asserção: «Plusieurs [tombe] étaient en cuivre; mais la plupart ont été fondues et je n'en connais plus qu'une en France, à S.^t Junien (Haute Vienne); l'Allemagne, l'Angleterre en possèdent encore magnifiques dont les calques ont donné lieu à une exposition faite, il y a quelques années, à Paris.»

Ainda, acerca dos bronzes sepulcrais na Inglaterra, acrescentarei estes informes: «Le mot *brass* en langage courant signifie uniquement cuivre jaune ou «laiton», alliage de cuivre et de zinc; mais, par extension, les archéologues anglais ont désigné par le nom de «brasses» des dalles funéraires en pierre où sont incrustées des plaques de laiton découpées et burinées. Les dalles en pierre gravées, si communes en France, sont ici d'une rareté extrême; d'autre part, l'Angleterre n'a jamais produit de ces plaques de laiton rectangulaires, gravées sur toute leur surface, comme il en existe tant en Flandre et en Allemagne. Ici, le «latoner» a toujours découpé dans la lame métallique la figure du gisant beaucoup plus petite que nature, le dais, les saints patrons et l'épithaphe. Tous ces fragments ont été insérés dans les creux correspondants, taillés dans une dalle de Purbeck, et fixés à l'aide de goujons en cuivre, avec addition de plomb fondu. Le voyageur qui n'a pas parcouru les villages anglais ne s'imagina pas le nombre des «brasses» disséminées par toute la province.» — (*L'Église Abbatiale de Westminster et ces tombeaux*, par Paul Viver, Paris, 1913, pág. 95).

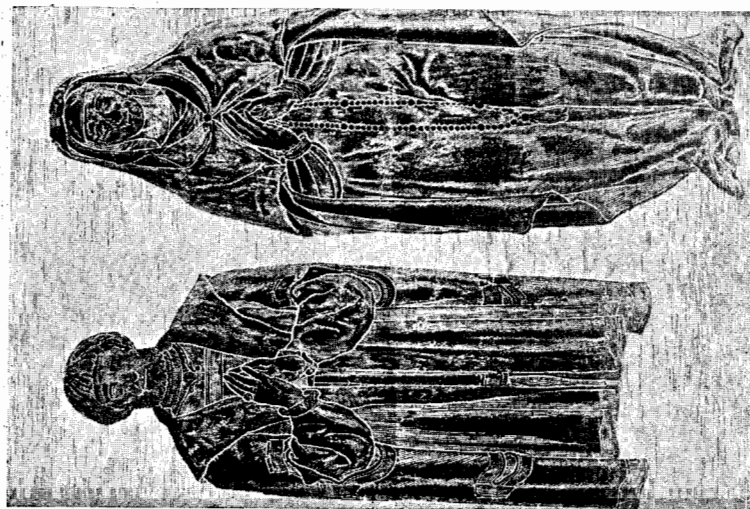


Fig. IV. — Lâminas recorçadas, de uma sepultura. Funchal. Segundo a tradição, representam João Esmeraldo, flamengo, e sua mulher.

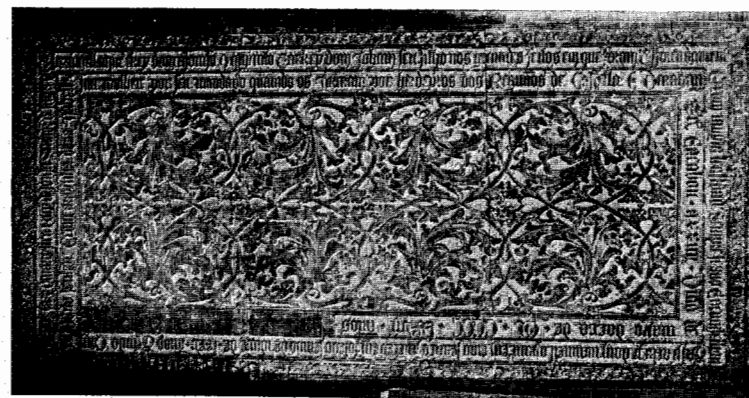


Fig. III. — Lâmina sepulcral de Rui de Sousa. Évora.

Em Espanha rareiam também. Uma *“lauda de panteón”*, das melhores existentes no país vizinho, está recolhida no *Museo Arqueológico Nacional*, em Madrid. E’ do século XV, e procede do Castro de Urdiales (Santander).

Diversas pedras tumulares com incrustações metálicas foram delas despojadas; recordo-me de ter visto no Museu de Bouvais uma, nestas condições deploráveis.

Bruges foi um dos grandes centros produtores de bronzes lavrados. A catedral de S. Salvador, na capela da corporação dos sapateiros, ostenta diversos exemplares datados de 1387 a 1534.

Na campa de D. Branca de Vilhena, em Évora, vêem-se aos cantos, interceptando a orla onde corre a legenda, os símbolos dos Evangelistas, a águia, o homem, o leão e o boi, inscritos em quadrilóbulos, de idêntica maneira aos do mármore da sepultura de João Correia, em Penafiel, ocupando o primeiro lugar a águia, em vez do homem, como costumou a usar-se a partir do século XIV. Várias pedras e lâminas tumulares flamengas, existentes em Liège e Bruges, são inteiramente semelhantes nestes pormenores.

As escassas sobrevivências desta espécie de monumentos funerários, entre nós, pode dizer-se serem, na totalidade, de origem flamenga.

Na opinião do Prof. Joaquim de Vasconcelos, *“a lápide de bronze de Leça do Balio”*, em que se vê a Anunciação desenhada de uma forma rara que se encontra em iluminuras francesas do século XIV, *“é provavelmente trabalho francês”* (*A Arte Portuguesa*, 1882).

Notável pelo largo emolduramento decorativo, que a gravura ainda não reproduziu nos pormenores, êste belíssimo bronze, onde tôdas as qualidades dêsse género de produções, riqueza de desenho, traçado hábil e elegância das figuras, se apreciam, é digno de um estudo particularizado da sua iconografia e simbolismo, que em outra ocasião tentarei realizar.